

7.

Conclusão

Ainda não houve nenhum super-homem. Nus, eu vi ambos, o maior e o menor dos homens: Por demais, ainda se parecem um com o outro. Na verdade, também ao maior achei - demasiado humano!

NIETZSCHE

Nietzsche não é claro sobre o *übermensch*, nem poderia ser, senão o colocaria no nível da conceituação e correria o risco de sistematizar um pensamento que é por excelência o mais enigmático e inaudito de seus “conceitos” - juntamente com o *eterno retorno* - e, em se tratando de Nietzsche, não se deve abordar uma idéia - sobretudo, este “conceito” fundamental, que é o sobre-humano - com um método por demais sistemático: “não sou suficientemente **tapado** para um sistema – e **nem sequer para o meu sistema...**”¹. Tentando compreender o sobre-humano, digamos, de maneira “racional”, acabaríamos correndo o risco de desfigurar o sobre-humano em uma utopia pré-formatada, um slogan, no que, aliás, ele as vezes parece ter se transformado. O sobre-humano é uma potência afirmadora, isto é, ele/ela é a própria vida, a promessa de uma vida na esfera dionisíaca e heraclítica que a história humana não cumpriu, ou ainda não cumpriu. Nietzsche não explicita porquê. Por isso, falar sobre o *übermensch* é um desafio que, todavia, cabe pensar, e não só pensar, mas ter a coragem de transpor do reino das idéias para o da existência, para a nossa vida e experiência prática, concreta: “Vivo para conhecer: quero conhecer para que viva o ser-acima-do-humano. Nós **experimentamos** por ele!”². E se falamos neste sentido um tanto quanto exortativo é porque o próprio Nietzsche não pensou o seu *übermensch* como uma mera idéia para ficar restrita a uma “teoria”, aos livros ou aos centros de ensino e excelência, mas fez dele um **chamamento** e uma **provocação**, provocação **para a experimentação trágica** da vida, por isso ele nos diz que, “as melhores coisas não valem nada sem um ator que primeiro as ‘encene’”³. Digamos que, de certa maneira, ele está a nos dizer para primeiro viver/experimentar - tragicamente - depois compreender (sem esquematizar o vivido, a fim de não congelar o conhecimento, ou seja, a vida).

Pensar na vida deve ser assunto do ócio: se não, só como tarefa.

Mémoires:

Primum vivere entendi, mas quanta coisa faz parte do vivere! Conhecer para *viver* – *antigamente*: para negar a vida⁴.

¹ NIETZSCHE, *in Fragmentos Finais*, 10 (146), seleção e tradução de Flávio R. Kothe (grifo nosso).

² NIETZSCHE, *in Fragmentos do Espólio*, 4 (224), seleção e tradução de Flávio R. Kothe (grifo nosso).

³ *Idem*, 140, p. 188.

⁴ *Idem*, 4 (82), p. 132.

A tentativa do “pensamento” acerca do sobre-humano tem uma importância tremenda, principalmente porque independe do que ele “seja” ou venha a “ser”, mostra e revela, de forma indireta, as nossas idiossincrasias, contradições, e põe a nu nossas aberrações que aparecem numa miríade de sintomas - sintomas esses que ajudaram a montar esta grande farsa - das configurações ontológicas, metafísicas e religiosas - que constitui a história dos homens, ou, o que dá no mesmo, na História dos niilismos - como nos mostrou a radiografia das tipologias morais e psicológicas. A farsa universal se constitui das ficções humanas, dentre as quais a mais forte é a do “sujeito”, do “Eu”, a partir da qual na realidade vai-se fabricar deuses, mundos diferentes, categorias do entendimento, etc. “Os ‘supremos conceitos’, isto é, os mais universais, os conceitos mais ‘vazios’ formam a ‘última’ fumaça da realidade evaporada”, assim lemos em *Crepúsculo dos Ídolos (A Razão na Filosofia)*.

Nietzsche exalta como exceções a Renascença, a Grécia trágica e as épocas onde imperava uma ética, digamos, viril, guerreira. Embora em nenhum desses momentos prevalecesse a vontade do “escravo” sobre as naturezas mais instintivas, ela já existia em germe, e Nietzsche enxerga momentos na História em que a sobre-humanidade existiu **de fato**, mesmo se já houvesse ao seu redor e a sua espreita o “espírito” da fraqueza. Na citação seguinte é possível, com clareza, perceber um desses momentos em que o *übermensch* não é uma mera especulação, mas uma ética possível e uma **evidência** para Nietzsche, tanto no futuro quanto no passado. Ele nos dá esse impressionante testemunho de seu pensamento, que não deixa dúvidas sobre suas intenções - por isso, decidimos grifá-lo por inteiro, devido a sua relevância:

Existe um êxito contínuo de casos isolados em diversos pontos da Terra, e em meio das mais diversas civilizações, com os quais representa efetivamente um tipo superior, alguma coisa que, em relação a toda a humanidade, constitui uma espécie de super-homem. Tais casos de grande êxito foram sempre possíveis, e sê-lo-ão talvez em todos os tempos. E até raças inteiras, tribos e povos podem, em circunstâncias especiais, representar semelhante homem de sorte ⁵.

Já é tempo de o homem estabelecer a sua meta. Já é tempo de o homem plantar a semente da sua mais alta esperança ⁶.

⁵ NIETZSCHE, *O Anticristo*, seção 6, p.11.

⁶ NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, Prólogo.

Em uma fórmula - agora já muito célebre - afirmava Foucault, em 1966, que “o homem é uma invenção da qual a arqueologia do nosso pensamento facilmente demonstra a data recente. E talvez o fim próximo”. Este “talvez” - a partir dos atributos do tipo aristocrático ou nobre - como possibilidade de abertura, que procurei trabalhar nesta tese, tem como *leitmotiv* o *übermensch*.

Essa fórmula inquietante, tanto política quanto filosoficamente, que Foucault assinala em *As Palavras e as Coisas*, lança duas idéias de inspiração claramente nietzschiana e, o que, por sua vez, fez-nos escrever este trabalho.

A primeira delas é a questão do homem como um conceito “a priori”, um *parti pris* filosófico de um *ser* já dado, desde sempre, não existir. Por outras palavras, a questão do *homem* ser uma falsa questão. É preciso esclarecer que falso aqui não significa uma oposição a uma suposta verdade, mas sim tal idéia ser uma **invenção** perpetuada historicamente pelo paciente congelamento do tempo.

Não existe a questão do “homem”, sejamos claros. A invenção das chamadas ciências humanas é, como demonstrou Foucault, uma resultante de um jogo de forças historicamente dado e politicamente instaurado num certo regime de estratégias e **dispositivos de Poder**.

A chamada História da Filosofia ou, melhor dizendo, a História de um determinado tipo de Filosofia, é fruto de um amálgama com variações. Um certo jogo histórico, se assim poderíamos denominar, de um tipo específico de filosofia vitoriosa, uma quase teleologia, cujo rastro e genealogia facilmente demonstram que a filosofia, até o momento, tem sido a filosofia de Platão e de Sócrates.

Tal idéia aparentemente pode parecer simplificar em demasia as grandes questões e interrogações filosóficas. Estaríamos nós passando por cima de milhares de anos de História, com todo o peso que este tempo nos mostra? E, se fosse realmente isso? Não serão talvez estes milhares de anos e toda esta “História da Filosofia”, com todo o peso e a gravidade de seus “grandes mestres” que têm imposto sobre os nossos ombros e nossas cabeças, sinapses já por demais insistentes e repetitivas? Pensar é sempre um ato revolucionário. É saber antes de tudo identificar as armadilhas das falsas questões e suas respostas verdadeiras.

Jacques Derrida, em seu colóquio de 1968, “os fins do homem”, também seguindo os rastros de Nietzsche, mostra-nos como a questão, o conceito

“homem” tem permeado a filosofia, mesmo quando se traveste de estéticas diferentes.

Na verdade, este texto de Derrida, apesar de uma monumental sutileza, possui o intuito de fazer uma crítica contundente a Heidegger, como sendo este ainda alguém que, na verdade, **não se desprende da metafísica**. O que, numa linguagem mais nietzschiana, significa dizer que Heidegger, ainda é um *religioso*.

A célebre afirmação de Heidegger sobre Nietzsche ser o último dos metafísicos não seria, em verdade, uma projeção inconsciente de si mesmo, no sentido freudiano? Divagações psicanalíticas à parte, é este o caso para Derrida. Para este Heidegger, quando se pergunta pelo *Dasein*, mesmo que remetendo e complexificando a questão ainda não conseguiu se libertar das velhas cantigas da sabedoria em que o Homem é a questão. É certo que este conceito - o Homem - é **recolocado** de forma muito mais sutil do que vários filósofos que o precederam, mas prestemos atenção à seguinte idéia: ela é **recolocada**, mesmo que por deslocamento, contigüidade e semelhança. Por quê? Por que este eterno antropocentrismo “demasiado humano”?

Para os que estão atentos, este “eterno retorno do mesmo”, a mesma idéia de *Homem* voltando sempre e sempre, tem um objetivo estratégico e político claro: impedir sua implosão, seu desaparecimento **enquanto efeito**, enquanto sintoma, enquanto *feito Homem*. Impedir a eclosão daquilo que Nietzsche denominou, em seu *Assim Falou Zarathustra* como o *übermensch*.

Nietzsche, ao se referir ao “último dos homens”, diz que este é “o que mais tempo permanecerá sobre a terra, sendo que sua raça é inabalável como a da pulga” (*in Zarathustra, Prólogo*). A descrição que este filósofo (dinamite) faz do “último dos homens”, com suas características psicológicas e de seu caráter, é primorosa e incrivelmente atual no estágio em que nos encontramos do capitalismo globalizado.

Esta recorrência da questão do Homem precisa ser desmontada, e é o que os filósofos do porte de Jacques Derrida, Foucault, Deleuze, Maurice Blanchot, só para citar alguns da tradição pós - estruturalista francesa, procuram fazer, todos sob clara inspiração de Nietzsche.

E aqui se coloca a segunda questão que o texto de Derrida me suscitou: a *possibilidade*, a abertura para o “fora”, esta bela expressão de Blanchot, que Foucault tão bem desenvolveu em seu “La pensée du dehors” (*O pensamento do*

fora). O “Talvez”, de Michel Foucault. A *possibilidade* do fim da invenção do conceito de Homem. Esta onto-teleologia já gasta, mas que insiste em se manter como um espectro, um fantasma, uma sombra vigilante sobre o pensamento. Se não pensarmos de uma forma **verdadeiramente** diferente da tradição, com toda a gravidade que isto implica, **nunca** estaremos pensando com a radicalidade trágica que Nietzsche nos ensina.

Talvez o fim do Homem enquanto efeito-Homem seja possível e até próximo, como parece que o niilismo vem demonstrar com cada vez mais força. Hoje, assistimos por toda a parte, talvez com mais força e dramaticidade do que em qualquer período da História, um tipo de depressão silenciosa e de sufocamento da vida que busca, através dos ideais ascéticos - assim como Nietzsche tão bem diagnosticou -, salvação em qualquer coisa que sinalize como um sentido para a vida. **“O que revolta no sofrimento não é o sofrimento em si, mas a sua falta de sentido”**⁷. O Homem oriundo da Razão e/ou do Humanismo só se tranqüiliza quando encontra um motivo para o seu sofrimento. Curiosa fórmula do “Homem teórico”: o sofrimento enquanto afeto não faz o homem sofrer mais do que a ignorância em relação ao motivo do seu sofrimento. Criando um motivo, ou por outras palavras, criando uma ficção, uma falsa resposta para a sua dor, ele pode então “sofrer em paz”, porque encontrou uma justificativa teórica. A falta da idéia que está por trás do sofrimento é o que gera a angústia insuportável. No entanto, é justamente no momento em que ele se pergunta “para que sofrer” e “por que sofrer” que o homem entra na subjetividade niilista que, traduzida na decadência física e psicológica, perpassa a passos largos como “o motor universal da História” terras e homens instaurando filosofias, religiões e além mundos. Aliás, essa decadência física e psicológica teria tido como consequência, ao nível do pensamento, a primazia dada à razão, à dialética e à lógica, as quais eram apenas estratégias de dominação do instinto. Ao invés de inocentar a vida, em relação a ficções como castigo, culpa e pecado, ele começa a afirmar que, sem estas ficções, a vida não possui nenhuma finalidade.

O Homem niilista abole a ficção tornando a própria vida como um valor de nada. **Como se ele não pudesse viver sem dor, e sem ficções.**

Cabe ressaltar que **o niilismo não é causa, mas consequência.**

⁷ NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, II, aforismo 7, p.58 (grifo nosso).

Conseqüência das falsas questões colocadas à vida, cujas respostas vão desembocar no niilismo. Parece que, se a civilização sobreviver e, digamos, por hipótese, conseguisse inaugurar uma cultura trágica, o Homem de hoje seria, sem dúvida, lembrado como o mais repugnante da História pela sua mediocridade, covardia e vontade fraca. Quando lemos o trecho abaixo, escrito entre 1873 e 1876, ficamos espantados, pois Nietzsche parece estar falando de nossa preocupante e triste época:

Então, como vê o filósofo a cultura de nossa época?

Completamente diferente, é preciso confessar, de todos estes professores de filosofia satisfeitos com o Estado em que vivem. Quando ele pensa na **pressa geral**, no **crescimento vertiginoso da queda**, no **desaparecimento de todo recolhimento**, de toda **simplicidade**, ele quase parece discernir os sintomas de uma extirpação, de um **desenraizamento** completos da cultura. **As águas da religião estão em refluxo** e deixam atrás de si pântanos e poças; **as nações se opõem novamente com a maior hostilidade e desejam se quebrar totalmente**. **As ciências, praticadas sem medida e abandonadas ao mais cego *laissez-faire***, se **retalham e dissolvem tudo em que se acredita firmemente**; as classes cultas e os Estados civilizados são arrastados por **uma corrente de dinheiro gigantesca e desprezível**. **Jamais o mundo foi mais mundano, mais pobre de amor e de bondade**. As classes cultas não são mais os faróis ou asilos em meio a todo esse turbilhão de espírito secular. A cada dia se tornam mais inquietas, **mais vazias de amor e pensamento**. Tudo está a serviço da **barbárie que vem vindo**, tudo, aí incluídas a arte e a ciência desta época. O homem culto degenerou até se tornar o maior inimigo da cultura, pois ele quer negar com mentiras a doença grave geral e é um estorvo para os médicos. Eles ficam aborrecidos, estes pobres libertinos débeis, quando se fala da sua fraqueza e quando alguém se coloca em oposição a seu nefasto espírito de mentira. Eles gostam muito de fazer crer que triunfaram sobre todos os séculos, e se agitam com uma alegria artificial. Sua maneira de dissimular felicidade tem algo de comovente, pois sua felicidade tem algo de totalmente inconcebível. Inclusive, não se é tentado a perguntar se eles, como Tanhäuser a Biterolf: **“Com o que então te alegras, tu, o mais infeliz?”**⁸.

Mas, se pode haver algo de parcialidade em não resgatar, no quadro da vida moderna, senão a fraqueza das linhas e a palidez das cores, a outra face não tem nada de consolador, ao contrário, ela é inclusive mais perturbadora. Há aí certamente forças, forças inauditas,

⁸ Richard Wagner, *Tanhäuser*, II, 4

mas selvagens, originais e absolutamente implacáveis. Como um caldeirão de feiticeira, olhamos para elas com uma atenta ansiedade: a qualquer momento, ele pode estremecer, lançar seus raios, anunciando terríveis aparições. Há um século estamos preparados para abalos radicais; e quando agora se tenta opor a esta inclinação profundamente moderna para as rupturas e as explosões a força constitutiva do Estado pretensamente nacional, este não permanecerá mais durante muito tempo, senão como um agravamento da insegurança e da ameaça gerais. **Não nos enganemos, se os indivíduos se comportam como se não soubessem nada sobre todas essas preocupações, sua inquietude, porém, revela o quanto eles a conhecem. Eles pensam em si mesmos com mais pressa e exclusivismo como jamais os homens o fizeram**, eles constroem e plantam para o presente, e a **caça da felicidade não é nunca mais encarnçada** quando é preciso captura-la entre o hoje e o amanhã, porque é possível que depois de amanhã talvez a estação de caça vá estar para sempre proibida. **Vivemos o período dos átomos, do caos atômico** ⁹.

O império cada vez maior do nada de vontade e da vontade de nada, cujos sinais vemos claramente em toda parte e em todas as sociedades, em maior ou menor grau, só vem corroborar aquilo que Nietzsche já anunciava ao longo de sua obra enquanto o psicólogo, o médico da civilização, pois é justamente esta a noção mais eficaz, mais combativa e revolucionária de um pensamento que se quer renovador e curador. **Cura, aqui, no sentido grego da palavra: a que visa a grande saúde de uma cultura.**

Parece que são os que estão à deriva e os que estão escapando, que perceberam, em suas próprias entranhas, a grave questão da atualidade. Trata-se do quê afinal? Mudar a vida e o mundo. **Afirmar o caráter trágico de toda e qualquer existência** e de toda e qualquer cultura, inclusive aí, obviamente, as minorias e as grandes solidões.

Estabelecer uma máquina de guerra contra tudo o que até o presente momento tem vilipendiado as existências de todas as matérias e **insurgir-se contra a generalização da mentira**, contra aqueles que ostentam a sua pretensa “salvação” e a esteiam numa doutrina que não emana do fundo do seu ser; desmascará-los, fazê-los descer do pedestal, porque é preciso, a todo preço, impedir aqueles que têm demasiado boa consciência de viver e morrer em paz.

Para esta tarefa, é preciso um novo tipo de feito, uma “**coragem que saiba**

⁹ NIETZSCHE, *Schopenhauer como Educador*, 4, pgs.165, 166, 167 (grifos nossos).

rir” (*in Zaratustra, Do ler e escrever*), que formalmente ainda não possuímos, mas todos intuímos.

Recuperar a violência revolucionária do pensamento em ato.

De certa maneira, é preciso pensar contra a História porque ela carrega um peso excessivo. A própria linguagem, apesar da renovação do signo lingüístico, como nos mostra Derrida, ainda assim se encontra contaminada por velhas e conhecidas noções metafísicas. Ela está cooptada por um regime de forças que, de fato, possibilita aberturas, mas que devem ser desmascaradas: traçar visivelmente seus contornos, retirá-la da semi-invisibilidade em que se encontra, ou seja, **falar e escrever limpidamente:**

Evidências ainda mais eficazes por pertencerem à camada mais profunda, mais antiga e aparentemente a mais natural, a menos histórica de nossa conceitualidade, a que melhor se subtrai à crítica e inicialmente porque a suporta, a nutre e a informa: o próprio solo histórico nosso ¹⁰.

É necessária a implosão das categorias tradicionais que comprometeram a leveza, a alegria e a tragicidade do espírito - que estranhamente é sempre ignorada quando se pensa na filosofia de Nietzsche -, para que a linguagem não seja enclausurada numa espécie de dentro absoluto. Apesar de este “dentro”, muitas vezes ter ares da diferença, na verdade escamoteia um tipo de imposição pelos dispositivos de Poder. Como nos mostra Foucault, o poder é sempre criador. Mas lembremo-nos, ainda é o Poder, e é no “Fora”, como Nietzsche nos ensina, que o possível habita. E é lá no possível que o pensamento deve estabelecer sua morada. Para isso o pensamento tem que ser **nômade** e nunca **sedentário**. Toda e qualquer potência como o pensamento o é precisa se fazer mais e mais. Não no sentido de acumulação ou de soma, como o “conhecimento” e as “bibliografias” o fazem, mas sim através de rupturas, fugas e novas velocidades.

Nietzsche, ao tematizar sobre o *übermensch*, faz o grande toque de feitiçaria alquimista no mundo do *phaenomenon*. Nietzsche instaura a real possibilidade da morte do homem e do aparecimento de “uma outra coisa”, algo de sobre-humano.

¹⁰ DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*, p.101. Coleção Debates, ed. Perspectiva, Tradução Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro.S.P. 1973.

A palavra “super-homem”, para designação de um tipo que vingou superiormente, em oposição a homens “modernos”, a homens “bons”, a cristãos e outros niilistas - palavra que na boca de um Zaratustra, o *aniquilador* da moral, dá o que pensar - foi entendida em quase toda parte, com total inocência, no sentido daqueles valores cuja antítese foi manifesta na figura de Zaratustra: quer dizer, como tipo “idealista” de uma mais alta espécie de homem, meio “santo”, meio “gênio”... Uma outra raça de gado erudito acusou-me por isso de darwinismo. Reconheceu-se nisso até mesmo o “culto do herói”, por mim tão desdenhosamente rejeitado, daquele grande falsário inconsciente e involuntário Carlyle. A quem sussurei que deveria procurar em torno por um Cesare Borgia, não por um Parsifal, este não confiou em seu ouvido. Terei de ser perdoado por faltar-me qualquer curiosidade quanto às recensões de meus livros, particularmente por jornais ¹¹.

Mas o que seria este sobre-humano?

Ainda não podemos dele formar claramente uma concepção, mas podemos afirmá-lo pelo que não é.

Equivocadamente, alguns comentadores de Nietzsche pensam que o sobre-humano é um homem melhor, aperfeiçoado com os valores morais humanistas em plena realização. Nietzsche, porém, não é um pensador reformista. O reformador acredita que o mundo anda mal porque os valores morais vigentes não estão em sua plenitude máxima, e, no fundo, não deseja a mudança, mas aperfeiçoar o sistema e “consertar” as partes defeituosas, para que a “máquina” funcione sem atritos.

Nietzsche quer a derrubada total dos valores que edificaram o sistema atual. Daí, o sobre-humano não pode ser confundido com um homem melhor, moralizado.

Outros comentadores mais sutis acusam Nietzsche de ter erigido um ser-acima-do-humano do mundo inteligível. Algo da ordem da refinada reflexão metafísica. A estes comentadores mais inteligentes, diríamos que, embora sagazes, eles carecem de algo fundamental para o pensamento: é preciso **uma outra maneira de pensar**, e para isso é necessária uma **nova sensibilidade**. Embora inteligentes, ainda estão no registro do “homem teórico”. **Ainda não conhecem uma nova imagem do pensamento, e por isso assustam-se com um pensador**

que traz a idéia do sobre-humano sobre suas cabeças.

O “silêncio” de Nietzsche sobre a forma do *übermensch* é um “silêncio” que não provém da metafísica, como alguns comentadores afirmam, mas sim da *Necessidade*. Necessidade de se ter uma outra sensibilidade, de um outro olhar, de **uma outra percepção para que se possa “atravessar a ponte”**, para então realizar uma outra alquimia. **O sobre-humano é então algo não mais para ser explicado, mas por ora, para ser imaginado.**

É somente nesse lugar e neste tempo que se pode fazer um encontro trágico com esta força que é o sobre-humano.

Podemos dizer que o *übermensch* é aquele que permite a Nietzsche fazer da *possibilidade uma afirmação*. Diante da genealogia que ele realiza e da atualidade dos valores em curso. Diante da constatação de valores que sufocam a vida, o sobre-humano é a sua fórmula mais preciosa, a sua mais secreta mensagem do porvir. O que nos leva a constatar a singularidade da crítica de Nietzsche na sua radicalidade ímpar que não deseja de forma alguma melhorar ou salvar o “Homem”, mas desde sempre visa à corajosa e árdua tarefa de transvalorar todos os valores morais que conduziram o indivíduo à decadência.

Uma crítica que visa o novo, o inatual, o intempestivo. Se não fosse assim, sua crítica ficaria no registro do pessimismo como muitos críticos equivocadamente o julgam. Se a crítica permanece no estágio da destruição, somente, ela se entristece e torna-se pessimista; do contrário, ou seja, se é uma crítica alegre, sempre será anunciadora do novo. **“Não é com a ira que se mata, mas com o riso”**. A impressão da figura do herói que o romantismo nos legou, quer dizer, triste, pesado e taciturno, absolutamente nada tem haver com o “herói” nietzschiano: leve, alegre, inocente, dançarino e viril, assim como o sobre-humano é a noção mais alegre, a sua mais secreta e diabólica obra de alegria.

O terreno precisa ser preparado para o surgimento do sobre-humano. **É esta a tarefa política essencial da filosofia, se a vemos como o pensamento da matéria, de suas liberdades e aventuras para novas imaginações. Imaginação aqui vista como um predicado essencial, talvez a pulsação mais loquaz daquilo mesmo que é próprio do pensamento.**

Numa espécie de aliança universal, tem havido ecos, em épocas e

¹¹ NIETZSCHE, *Ecce Homo, Por que sou um destino*, 1, p. 54

geografias distintas, de pensadores que se dispuseram a diagnosticar, vislumbrar e pensar, sobretudo, em desacordo com sua época, aquilo de que sempre tratou Nietzsche: a vida. Vida, aqui, vista enquanto vontade de potência, como Nietzsche sempre a concebeu, ou seja, antes de tudo, a vida é vontade, é querer ultrapassar, **é querer ir além.**

Não é esta a tarefa da filosofia? O filósofo, segundo a civilização helênica, é aquele que é o amigo da sabedoria. Precisamos ampliar este modelo e também nos tornarmos **inimigos frontais de todo e qualquer sistema filosófico.**

Particularmente, no caso de Nietzsche, precisamos mais do que tudo, ter um cuidado redobrado para não sistematizar seu pensamento.

A obra de Nietzsche é uma obra de combate. Combate contra a transcendência, sob qualquer forma como ela se manifeste, e o vazio de certos conceitos.

Gilles Deleuze e Félix Guattari em *O que é a filosofia* escrevem:

Seria necessário fazer a lista dessas **ilusões**, tomar-lhes a medida, como Nietzsche, depois de Espinoza, faz a lista dos “quatro grandes erros”. Mas a lista é infinita. Há, de início, a *ilusão de transcendência*, que talvez preceda todas as outras (sob um duplo aspecto, tornar a imanência imanente a algo, e reencontrar uma transcendência na própria imanência). Depois a *ilusão dos universais* quando se confunde os conceitos com o plano; mas esta confusão se faz quando se coloca uma imanência em algo, já que este algo é necessariamente conceito: **crê-se que o universal explique, enquanto é ele que deve ser explicado**, e cai-se numa tripla ilusão, a da contemplação, ou da reflexão, ou da comunicação¹².

A obra de Nietzsche e o pensamento do sobre-humano têm como principal objetivo (não importando tanto, neste sentido, definir o sobre-humano), nos inspirar a romper barreiras e limites, nossos “limites” da “normalidade” e, talvez, nos salvar da loucura e do triste “entorpecimento confortável” como diz a letra da bela canção de *Pink Floyd*. A idéia maravilhosa e o presente que Nietzsche nos oferta com o “seu” *übermensch* nos ajuda a pensar e nos liberar de nossos medos e de nossa vida decadente. Decadente porque ascética e presa de estratégias políticas que nos enganam diariamente.

¹² DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia*, pgs. 67,68. Ed. 34, 1991, Rio. Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz (grifos nossos).

Chafurdamos já há tempo demais num cotidiano nefasto, triste, empobrecido. Parece-nos que nossas vidas estão envoltas numa névoa, numa massa avassaladora de conceitos, de informações, mentiras e diversões (Pascal), acomodando-nos numa espécie de anestesiamento dos sentidos e do “espírito” que é uma agressão, uma afronta contra o precioso tempo de vida miraculoso, que nos foi oferecido como um presente. O tempo de vida de que dispomos é um tempo do qual precisamos nos apossar. Daí a tarefa política da filosofia, que procura destruir as mentiras e as ilusões que cotidianamente nos são oferecidas.

Por quanto tempo ainda a moral de “escravo” e o “último homem” prevalecerão? Não temos idéia.

Quanto a nós, enquanto testemunhamos os conflitos recrudescendo e, “dado que o homem é o *animal ainda não determinado*”¹³, **nada está definido**, portanto, continuamos a alimentar nossa **esperança ativa** num porvir sobre-humano...e, quem sabe, “no final de toda a nossa exploração chegaremos onde nós começamos e conheceremos o lugar pela primeira vez”...

¹³ NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, seção 62, p. 65.